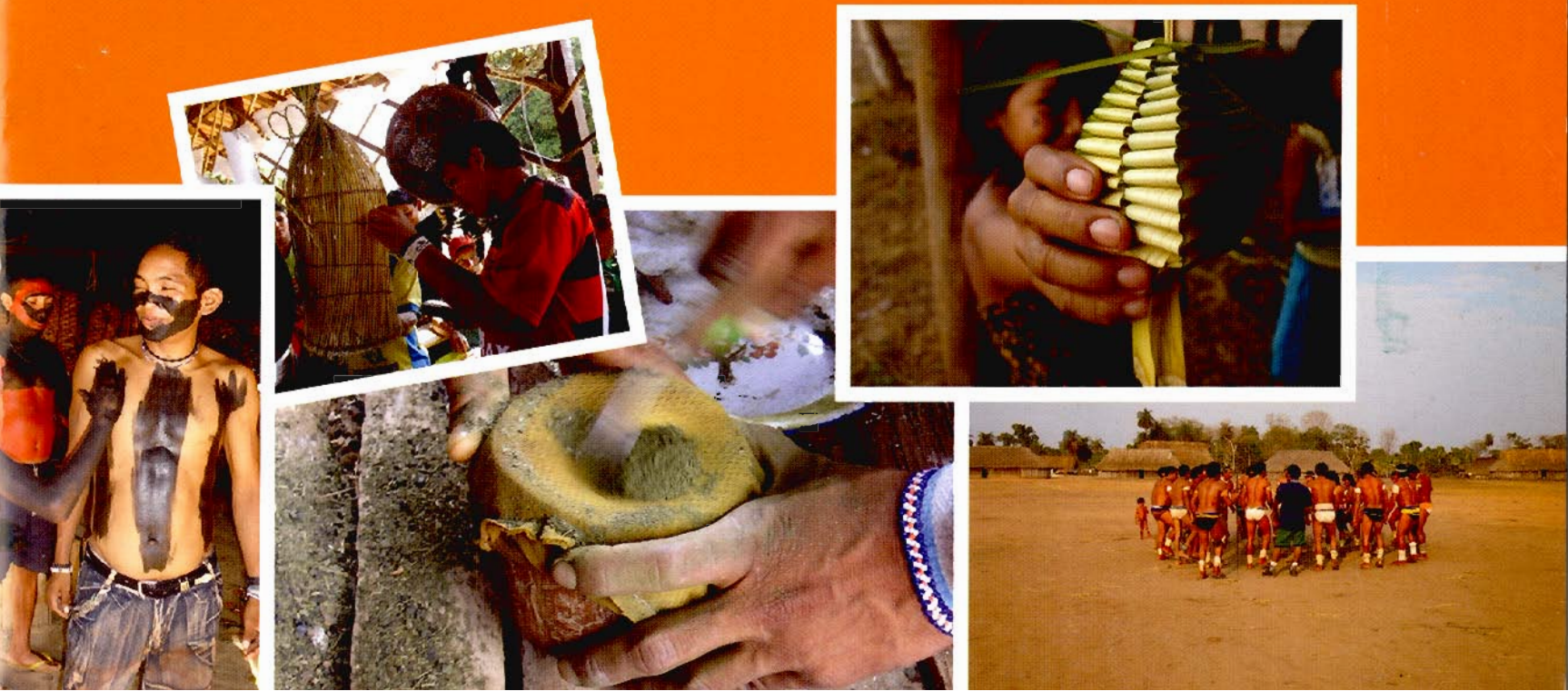


Ikpeng, Yanomami, Mayoruna e Matis
Relatos de intercâmbio



Ikpeng, Yanomami, Mayoruna e Matis
Relatos de intercâmbio

ACERVO CTI

© Ikpeng, Yanomami, Mayoruna e Matis – Relatos de intercâmbio

Direitos autorais

Centro de Trabalho Indigenista (CTI)

Instituto Socioambiental (ISA)

Associação Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami (SECOYA)

Terre des Hommes Holanda (TDH Holanda)

Organização

Estela Würker

Coordenação do projeto

Márcia Regina De Martin Iglesias

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Ana Cristina Silveira

Imagens cedidas pelos autores dos textos

Tiragem

250 exemplares

São Paulo, fevereiro de 2007

Ikpeng, Yanomami, Mayoruna e Matis
Relatos de intercâmbio





CTI

SCLN 210

Bloco C, Sala 217 / 218

Brasília – Distrito Federal, CEP 70862-538

Telefone: (61) 3349 7769

cti@trabalhoindigenista.org.br



INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL

ISA

Av. Higienópolis, nº 901

São Paulo – São Paulo

CEP 01238-001

Telefone: (11) 3515 8900

isa@socioambiental.org



SECOYA

Conjunto Jardim Belo Horizonte

Rua 6, Casa 2, Parque 10

Manaus – Amazonas, CEP 69055-050

Telefone: (92) 3646 0696 / 3646 2775

secoya.educ@gmail.com



TDH Holanda

Rua Boaventura da Silva nº 1290, Sala 301.

Bairro: Umarizal. Belém - Pará. CEP: 66060-060

Caixa postal 13021. CEP: 66040-970

Telefone: (91) 3223 2385

tdholanda.brasil@gmail.com

As instituições

Terre des Hommes Holanda é uma organização sem fins lucrativos, que trabalha de maneira comprometida em benefício de crianças e adolescentes em países em desenvolvimento. Ela foi fundada em 1965, em Haia, Holanda, como uma pequena organização. Atualmente, há projetos beneficiados pela organização em mais de vinte países na Ásia, África e América do Sul, com objetivo de melhorar a qualidade de vida das crianças e adolescentes, sem qualquer preconceito de raça, crença ou orientação política. Os projetos estão centrados nas áreas de saúde, educação e desenvolvimento socioeconômico.

No Brasil, Terre des Hommes Holanda apóia vários projetos urbanos e rurais com populações carentes no Nordeste e Amazonas, onde as áreas de saúde e educação abordam temas relacionados à sexualidade e violência.

A partir de 2002 Terre des Hommes Holanda começou a apoiar populações indígenas no Brasil, através dos projetos de formação de professores indígenas para escolas de aldeias. No âmbito da educação escolar indígena são três os projetos apoiados pela instituição, com o intuito de contribuir na construção metodológica com as organizações parceiras, a saber:

- Formação de professores indígenas bilíngües no Parque Indígena do Xingu, pelo Instituto Socioambiental (ISA);
- Formação de professores indígenas bilíngües no Vale do Javari, pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI);
- Formação de professores indígenas bilíngües Yanomami do Amazonas, pela Associação Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami (Secoya).

Em 2006 foi proposto às três organizações parceiras um trabalho com as escolas de aldeias, onde o tema desenvolvido seria "Os direitos das crianças indígenas". Assessores pedagógicos do ISA, Secoya e CTI envolveram-se nesse trabalho com os professores indígenas e suas comunidades, a fim de abordar os direitos dessas crianças. Foram realizadas viagens de

intercâmbio entre assessores pedagógicos e professores indígenas, a fim de compartilhar experiências dos projetos de educação e conhecer as realidades dos outros povos indígenas. O produto final desta experiência resultou nesta publicação onde os três projetos de educação escolar indígena relatam o seu frutuoso intercâmbio.

As organizações parceiras da TDH Holanda

O **Centro de Trabalho Indigenista - CTI** é uma organização não-governamental, constituída juridicamente como associação civil sem fins lucrativos, fundada em março de 1979 por antropólogos e indigenistas que já trabalhavam junto a alguns grupos indígenas do Brasil. A sua criação acontece no início do processo de abertura política que marca o período de transição do regime militar. É nesse contexto que a sociedade civil começa a se reorganizar, através de movimentos e associações, elaborando seus projetos de intervenção na política governamental vigente.

O CTI tem como marca de sua identidade e missão o apoio direto aos povos indígenas com os quais trabalha visando repassar-lhes recursos e assessoria técnica com o objetivo de instrumentar aqueles povos para que possam atingir o maior grau possível de auto-suficiência econômica e política, porém dentro de parâmetros sócio-culturais dados pelas - e sob domínio das - próprias comunidades indígenas. Em outras palavras, os projetos do CTI se caracterizam por serem projetos de mudança onde as próprias comunidades-alvo são os sujeitos dessa mudança.

O **Instituto Socioambiental - ISA** é uma associação sem fins lucrativos, qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), fundada em 22 de abril de 1994, por pessoas com formação e experiência marcante na luta por direitos sociais e

ambientais, tendo como objetivo defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. O ISA produz estudos e pesquisas, implanta projetos e programas que promovam a sustentabilidade socioambiental, valorizando a diversidade cultural e biológica do país.

Desde sua fundação, o ISA assumiu a difícil tarefa de procurar alternativas para a gestão territorial das terras indígenas e de populações tradicionais no País, conciliando geração de renda, preservação da integridade territorial, conservação da biodiversidade e respeito à diversidade cultural. Para tanto, vem estabelecendo parcerias com organizações e atores locais, concebendo e implementando projetos de campo, capacitando técnicos e auxiliando no fortalecimento institucional dos parceiros, promovendo ações judiciais e intervenções políticas, produzindo mapas, livros, vídeos e outros materiais de divulgação sobre assuntos relevantes para a agenda socioambiental.

O Instituto privilegia ações globais que articulem projetos de caráter demonstrativo e programas de trabalho, combinando diversas modalidades e planos de atuação, desde o local, ao regional, ao nacional e ao global. Sua comunidade de interesses atua através de coalizões e parceria no Brasil e no exterior, em cooperação com organizações não-governamentais, movimentos sociais, instituições de ensino e pesquisa, igrejas, agências de governo, fundações e empresas.

A Associação Serviço e Cooperação com o Povo Yanomami - Secoya foi fundada em agosto de 1997 e reconhecida oficialmente em outubro do mesmo ano, com a finalidade de defender os direitos e interesses do Povo Yanomami localizado na região do Médio Rio Negro, bem como promover a articulação e intercâmbio deste com outros povos ou organizações indígenas.

O trabalho começou com a ação voluntária do enfermeiro alemão Augusto W. Strasser, que desenvolveu, a partir de junho de 1991, o Projeto de Saúde Yanomami do Rio Marauíá, com o objetivo principal de controlar as endemias de tuberculose, malária e gripe, e iniciar o processo de ca-

pacitação para Agentes Indígenas de Saúde, visando autonomia e participação dos Yanomami em atividades desenvolvidas em suas terras

A atuação da Secoya no campo da saúde abrange hoje as calhas dos rios Marauíá, Demini (Xapono Ajuricaba) e Padauri, com uma população de aproximadamente 2500 pessoas (dados da Equipe de Saúde 04/06). As ações estão baseadas na capacitação dos agentes de saúde e na organização dos serviços na perspectiva de criar melhores condições de vida para o povo Yanomami. Desde 2000, a Secoya vem consolidando a sua intervenção através de convênios com a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, do Ministério da Saúde, para a execução das ações de atenção básica, no âmbito do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami.

As ações de Educação tiveram início em 1992, através do trabalho sistemático do linguista Henri Ramirez, no desenvolvimento do processo de ensino bilíngüe adequado à realidade Yanomami. Para dar seqüência, a professora Ana Ballester (membro da Secoya) assumiu a escola criada no xapono (aldeia) de Ixima e a partir dessa base passou a trabalhar com os Yanomami escolhidos em cada localidade para serem professores e agentes de saúde. Atualmente, a Secoya atua em seis escolas localizadas nas calhas dos rios Marauíá (Bicho Açu, Ixima, Pukima, Raita e Kono) e Demini (Ajuricaba), situadas respectivamente nos municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos, priorizando o trabalho de alfabetização na língua materna, no sentido de firmar um processo de aprendizagem através do domínio lingüístico e da valorização da cultura Yanomami, antes de introduzir o ensino da língua portuguesa.

As atividades voltadas para o Desenvolvimento Sustentável tiveram início no Rio Marauíá, com o projeto denominado "Melhoria alimentar, resgate cultural e comercialização de produtos Yanomami", aprovado em 2002 pelo PDPI - Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas, um programa do Governo Federal criado no âmbito do Ministério do Meio Ambiente, visando a consolidação do Processo Demarcatório das Terras Indígenas. Esta iniciativa para o período de três anos demandou a criação do Departamento de Desenvolvimento Sustentável dentro da instituição.

Apresentação

Este livro trata do intercâmbio entre professores indígenas de três povos: Yanomami (Terra Indígena Yanomami/Amazonas), Ikpeng (Parque Indígena do Xingu/Mato Grosso), Mayoruna e Matís (Vale do Javari/Amazonas).

A prática de intercâmbio entre povos indígenas tem-se constituído em um processo de troca de conhecimentos, valorização da diversidade cultural e respeito mútuo estabelecido a partir do contato direto entre eles. Cada povo tem histórias de contato diferentes e cada estágio vencido significa experiências que, acredita-se, devem ser socializadas.

Os projetos de formação de professores indígenas têm possibilitado uma leitura com olhares dos próprios protagonistas, assim como textos escritos pelos mesmos, em língua materna e na língua portuguesa.

A "Terre des Hommes Holanda", organização não governamental, parceira de três projetos de formação de professores indígenas bilíngues, propôs um intercâmbio, onde professores indígenas, acompanhados de assessores pedagógicos dos projetos, visitaram-se e puderam trocar experiências relacionadas ao trabalho do professor e às diferentes formas de se relacionar com o meio ambiente e organização social.

Procurou-se chamar a atenção dos visitantes para as práticas culturais nos cuidados com a criança e o adolescente. Como disse o filósofo Guardini, "a criança não está no mundo apenas para tornar-se adulto, mas também, e principalmente, para poder ela mesma ser uma criança e, como criança, uma parte da humanidade". Neste momento da humanidade, é importante resgatar o "ser criança", o relacionamento dos pais e filhos, já que a sociedade

atual não favorece esses espaços com a intensidade necessária para uma vivência mais intensa e harmoniosa entre as famílias.

Esse intercâmbio pode ser o início de um trabalho mais profundo. Os professores indígenas, apoiados pelos assessores dos projetos educacionais, podem contribuir muito para uma reflexão neste sentido. A sociedade ocidental conhece pouco sobre a vida de uma criança indígena, suas brincadeiras e seu relacionamento com parentes e outras pessoas que a cercam. Esperamos que essa iniciativa venha trazer novos caminhos na descoberta do "ser criança", a partir do olhar dos próprios índios.

Foi proposto um roteiro para o intercâmbio. O texto sobre a visita dos Yanomami aos Ikpeng difere dos outros dois. Rosana, juntamente com a comunidade escolar do povo Ikpeng, fez um planejamento para a visita dos parentes Yanomami, envolvendo os jovens estudantes em uma atividade que abordou o dia-a-dia da criança indígena. Como resultado, há um material muito rico de vários alunos jovens do povo Ikpeng, que pode estimular o olhar da própria comunidade para uma reflexão sobre as diferentes formas de cuidar da criança e de sua inserção nas diversas comunidades. Fugindo um pouco do roteiro, fizemos questão de incluir uma das pesquisas no relato do intercâmbio.

Os textos foram redigidos a partir dos relatórios de Maiua Ikpeng (professor da comunidade Ikpeng), no Parque Indígena do Xingu e Rosana Gasparini (assessora pedagógica); Arceu Mayoruna (agente de saúde indígena da comunidade Lobo), Osvaldo Mayoruna (professor da comunidade Trinta e Um), na Terra Indígena do Vale do Javari e Beatriz Matos (assessora pedagógica); Edgar Yanomami (professor da aldeia Ajuricaba), Batista Yanomami (professor da aldeia Ixima), na Terra Indígena Yanomami e Cléris Ribeiro (assessora pedagógica).

Sumário

<i>Yanomami visita Ikpeng</i>	p.9
1. <i>As atividades</i>	p. 12
2. <i>A história das crianças Ikpeng</i>	p. 12
 <i>Mayoruna visita Yanomami</i>	p. 21
1. <i>A viagem</i>	p. 21
2. <i>A aldeia Raita</i>	p. 24
 <i>Visita dos Ikpeng aos Matis</i>	p. 27
1. <i>Do Xingu ao Vale do Javari</i>	p. 27
2. <i>A aldeia Beija-flor – primeira parada</i>	p. 30
3. <i>A aldeia Aurélio – estadia de três dias</i>	p. 30
4. <i>A aldeia Beija-Flor – segunda parada</i>	p. 35

Yanomami visita Ikpeng

14/08 a 02/09/2006

Textos de BATISTA YANOMAMI, professor da aldeia Ixima na Terra Indígena Yanomami; EDGAR YANOMAMI, professor da aldeia Ajuricaba e CLÉRIS RIBEIRO, assessora pedagógica

Este relato tem como objetivo dar ao leitor informações detalhadas do que foi o Intercâmbio cultural realizado de 14 de agosto a 2 de setembro entre os professores Yanomami Edgar, da aldeia Ajuricaba e Batista, da aldeia Ixima à comunidade Ikpeng do Parque Indígena do Xingu. Durante o intercâmbio houve uma oficina, que teve como eixo temático a infância das crianças e adolescentes Ikpeng.

No dia 14 de agosto de 2006 nós viajamos de Manaus para Porto Velho, onde pegamos outro avião para Brasília. Ficamos no hotel, onde descansamos um pouco. Viajamos de ônibus a noite toda até chegar em Canarana, no Mato Grosso, às 11:00 da manhã. Nesta cidade conhecemos a ATIX – Associação Terra Indígena Xingu, que os xinguteri (povo do Xingu) fizeram.

Fomos de carro de Canarana até o rio Culuene, viajamos o dia inteiro. Pegamos uma voadeira e descemos o rio, passamos por algumas aldeias, mas só avistamos duas, as outras ficavam muito afastadas. Quando chegamos no Posto Pavuru já era meia-noite.

19 de agosto

EDGAR PARAHITERI YANOMAMI. De manhã cedo fomos para a escola e as atividades começaram. Nós nos apresentamos, falamos “Somos Yanomami, vivemos na floresta do Amazonas”. Na escola tinha muitos meninos e meninas,

alunos rapazes e todos os professores. Falamos para eles que somos professores e gostamos muito de trabalhar na escola. Nós falamos primeiro na Língua Yanomami e depois explicamos um pouco na Língua Portuguesa, para eles escutarem um pouco como é que falamos na nossa aldeia.

BATISTA YANOMAMI. Nós mostramos no **mapa** do Brasil onde nós vivemos e eles falaram que a gente mora bem longe. Eles gostaram da visita da gente, o cacique da aldeia gostou da nossa visita, os professores do Xingu disseram que gostariam de conhecer o povo Yanomami.

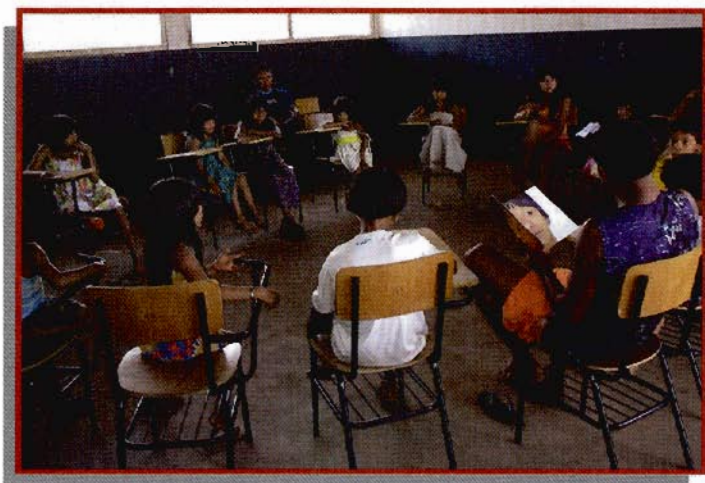
EDGAR PARAHITERI YANOMAMI. Neste primeiro dia foi trabalhado só com as crianças, elas escutaram a leitura do livro que falava de como as crianças Mundurucu vivem, fizeram brincadeiras e desenhos. À tarde os professores ensinaram as crianças fazer brinquedos de palha, nós também aprendemos a fazer alguns brinquedos.



As **crianças** ouviram atenciosamente toda a história, empolgaram-se ao saber que as crianças Mundurucu tinham práticas parecidas com as suas. Seu cotidiano era realmente muito parecido, pois elas tinham animais de estimação, usavam pinturas com urucu, cantavam e basicamente comiam as mesmas frutas e caças. A diferença observada foi a pintura com jenipapo e o açai (fruta). Uma criança disse "Acho que eles estão contando a nossa história, porque é tudo igual a nossa história". Uma outra disse "Acho que temos que escrever a nossa história e mandar para eles também".

Então foi sugerido que cada criança representasse através do desenho um pouco de suas atividades cotidianas.

Uma outra atividade muito interessante foi a **confecção** de **brinquedos** com palha, na qual os professores Ikpeng Pomekenpo, Matare e Nawaki, sob orientação do professor Maiua, ensinavam as crianças.



20 de agosto

EDGAR PARAHITERI YANOMAMI. Conhecemos o MJJ – Movimento dos Jovens Ikpeng. Maiua falou como eles se organizaram para fazer o MJJ, que eles queriam que as coisas fossem como antes, quando eles faziam trabalhos juntos e isso não acontece mais. Então eles fizeram o MJJ e já estão fazendo a roça deles, todos juntos. Também visitamos esta roça.

Esse MJJ é muito importante para os parentes do Xingu, os rapazes gostam de trabalhar juntos, eles estão felizes. Quando chegar na minha, vou falar e explicar para meus parentes o que vi aqui.

Quando voltamos da roça, eles fizeram um boneco (macaco de palha) e colocaram em um pau no meio da aldeia, depois pegaram arco e flechas para todos os jovens

e fomos brincar de flechar o macaco. Também apresentamos um pouco das nossas danças, músicas e Wayamou, espécie de jornal falado tradicional a nossa cultura.

No mesmo dia 20 de agosto, o professor Korotowi, que também é diretor da Escola Central do Pavuru, se apresentou e falou um pouco da história de sua escola:

“A Nossa escola foi a terceira escola construída pelo FUNAI - Fundação Nacional do Índio. Em 1998 a nossa escola foi estadualizada e só em 2003, foi que conseguimos a participação da comunidade (velhos historiadores). Vemos a escola como instrumento revitalizador da cultura. Esta escola é a que tem maior número de professores formados no 3º grau indígena e em formação para o Magistério. A falta de mulheres na escola se dá porque elas casam cedo e deixam a escola. Aqui temos 260 alunos matriculados. Eu, enquanto diretor, gostaria de priorizar a formação de uma menina, entendo que elas são mais pacientes, certamente seriam excelentes professoras.

Quando escrevemos o PPP – Projeto Político Pedagógico, não sabíamos para que servia, onde que a escola é diferenciada e por que. Nós não sabíamos o que isso queria dizer.

Na escola nós trabalhamos a valorização da nossa cultura, ensinamos coisas nossas, quando alfabetizados e conhecedores da nossa cultura, trabalhamos com esses alunos coisas do branco que consideramos importantes como a construção de projetos, redigir cartas, memorandos e ofícios. Estas são as principais atividades exteriores que trabalhamos com os alunos em formação.

Na nossa escola as turmas são classificadas em etapas, trabalhamos com quatro etapas e cada uma concluída representa

dois anos estudados na escola normal. Queremos que a SEDUC assuma o curso de formação para o magistério para os professores que não tiveram essa formação, incluindo os professores que iniciaram a formação com o ISA, bem como a formação continuada, especialização, os cursos de saúde e outros, principalmente porque sabemos que daqui a cinco ou dez anos quem não tem o 3º grau não estará habilitado a trabalhar em sala de aula. Por isso estamos buscando a formação e capacitação dos nossos professores. Aqui no Xingu tem Conselho de Educação Escolar Indígena e é nele que temos que trabalhar esses valores.”

Maiua e Korotowi também fazem parte do grupo de formadores no curso de formação de Agentes Indígenas de Saúde do Xingu.

A comunidade conta com uma equipe de cineastas: Kumare, Karane e Natuyu Ikpeng, tiveram três filmes premiados, o “Vídeo Carta - das crianças Ikpeng para o mundo”, “O Sonho de Maragareum” e “Meu Primeiro Contato”. A comunidade também tem trabalho com a produção de mel e manejo de recursos naturais. Atualmente estão buscando recursos para certificar os produtores de mel.

21 de agosto

Assistimos o filme das crianças Ikpeng, onde as próprias crianças fazem a apresentação do seu povo. Natuyu, uma moça Ikpeng, é quem fez as filmagens dos filmes da aldeia. O outro vídeo mostrou a Origem da Festa (Mingau de Milho) - O rito da tatuagem que é feita em todos os meninos entre 5 e 7 anos. Depois da apresentação dos filmes, eles nos convidaram para comer peixe na aldeia, ficamos felizes com o convite.

Os professores levaram a gente de trator para mostrar a roça dos meninos e a roça dos jovens. Eles têm um projeto que chamam de Movimento dos Jovens Ikpeng (MJJ). Maiua fez a apresentação de todos os membros do movimento, informou que seu presidente estava na cidade realizando estudos. Falou ainda que o principal objetivo do movimento é o fortalecimento da cultura para promover o resgate do trabalho coletivo, exatamente como faziam os antigos e que hoje eles sentem falta. Nós voltamos de trator e os professores pararam no meio do caminho, pegaram folha da palmeira de inaja, fizeram um macaco e pegaram um pau comprido. Quando chegamos na aldeia eles cavaram um buraco no meio da aldeia e pregaram o macaco no pau, levantaram o macaco e começaram a flechar. Essa **brincadeira** se chama Piwiwi. Todos nós flechamos o macaco, depois mostramos a nossa dança para eles. Eles gostaram da nossa dança. Também cantamos como visitantes e pintamos o rosto com urucum.



1. As atividades

22 de agosto

Tome, velho historiador dos Ikpeng, contou a história de vida das crianças, como os pais devem fazer para a criança nascer e crescer com boa saúde. Ele falou que as crianças não devem comer alguns tipos de peixes e caças, para cada fase da criança ele falou o que a criança e seus pais podem ou não podem comer.

Ele falou também de quando é feita a furação de orelhas e tatuagem dos meninos. Disse que é o pai quem decide se quer ou não que o filho seja tatuado.

Tome falou também que as crianças Ikpeng, recebem o nome de um dos avós, a família faz reunião e os avós decidem quem vai dar o nome à criança.

2. A história das crianças Ikpeng

FETO – O bebê é cuidado desde a barriga da mãe. O pai já recebe o respeito chamado *Yukeni Imi* (pai da barriguiha ou feto que ainda não tem nome). Antigamente os pais só faziam trabalhos leves e comiam alimentos leves também, assim as crianças nasciam saudáveis. Hoje em dia não cumprem mais as regras e não têm dado importância a isso, até saem para a cidade para parir. A mãe é chamada de *Yukeni Ye* (mãe da barriguiha).

RECÉM-NASCIDO – É considerado *etpamte* até cair o umbigo, daí é que recebe nome. Os pais não podem comer nada nesse período, apenas beiju e mingau de polvi-

lho seco. Se não cumprir a regra pode causar epilepsia no primeiro filho e ele chora muito. Também não podem sair de casa. Tomam banham ali mesmo, porque os espíritos da mata que são *kanarot*, *enoy*, *apariko warali*, *otomo wira* fazem mal ao recém-nascido e ao pai.

Os pais carregam o cheiro do *etpamte* e os espíritos são atraídos também pelo cheiro do sangue. Os espíritos da água são: *tagaray* (sereia), *wankalay* (parecido com tatu canastra) e *pakyumo*. Por isso é que os pais não podem ir ao rio.

Essas regras são cumpridas até hoje e transmitidas pelos pais. Depois que cai o umbigo é hora da nomeação do *etpamte*. Os pais, os tios e avós paternos e maternos se reúnem para decidir quem pode dar o nome. Se *etpamte* for do sexo masculino, os avós paternos vão decidir quem vai dar seu nome e se for do sexo feminino as avós decidem. Antigamente eles se reuniam para a escolha do nome, a fim de evitar brigas e ter consenso nas famílias. Hoje há brigas por falta de permissão na hora da escolha do nome. Essa era a sabedoria. Hoje em dia, só raramente se reúnem para escolher o nome, apenas alguns avós decidem e pedem autorização para os outros.

Depois de nomear o *etpamte*, o pai pode sair para caçar e só pode trazer *yakia* (passarinho). *Yakia* tem espírito muito forte para garantir a vida de *etpamte*. Esse passarinho é pajé e tem vida longa, não morre tão fácil, fica protegido em baixo da mata e traz muita energia para *etpamte*. Os *lkpeng* tiram os olhos do passarinho para pingar nos olhos de *etpamte* para ele ter sonhos que sejam verdade. O sonho é um sinal do que vai acontecer.

Depois de alguns meses os pais podem comer peixes, mas só do córrego, e não pode ser qualquer peixe. *Popruk*, *kaywa*, *kamki riruk*, *egero* e *kaptukarak* são os peixes de lagos que pode comer depois. Essa era a dieta de antigamente. Hoje em dia não é respeitada e estão comendo vários tipos de peixes e tendo relação sexual, que antes não podia. Tem música para *etpamte* dormir, que o pai ou a mãe canta:

AKI TRUM, AKI TRUM
INA, INA, INA, INA, INA, INA
KILIK, KILIK, KILIK

23 de agosto

ENKAWAMTE – Continua com os mesmos cuidados de *etpamte*, mas já pode comer outros peixes, com a autorização dos pais. Aos poucos vai acrescentando as comidas, caça antes não permitida e peixes do Rio Xingu – *txowm*, *koti*, *egepak*, do rio Jatobá – *mitxetku*, *oyworan*, *pitirak* e outros. Como mães e pais já têm experiência, eles orientam seus filhos.

Engkwamte não pode comer peixe de couro, pois pode causar diarreia e vômito e seu envelhecimento precoce.

As regras acompanham o indivíduo por toda a vida e servem como exemplo para as gerações mais novas. Hoje em dia tem muitos peixes que são proibidos e são comidos, como *wawi*, *amero*, *mairan* e outros.

São os avós que orientam a comida dos netos (cuidam dos netos), porque eles conhecem melhor a vida de anti-

gamente (costumes). Eles conhecem todos os bichos que têm música e fazem mal.

A criança começa a ser educada através de músicas e histórias que são cantadas por seus avós, assim ela vai lembrar dos ensinamentos quando for maiorzinha e os cantos e as histórias ficarão na sua memória.

YONOWANTE – A passagem para *yonowante* acontece com o rito da furação da orelha, quando o menino tem entre cinco e sete anos, porque neste período a orelha fica fácil de furar, pois ainda é mole. São os pais quem decidem o melhor momento para furar a orelha do filho.

A origem da furação da orelha vem do *Eptxumteri*, que é chamado de *purat* (cascudo), porque cascudo tem brinco.

Quando furam a orelha e dói muito, cantam a música do *kongkong* (maribondo) e os pais pegam *engwata* (terra que fica embaixo da fogueira) e colocam onde foi furado para parar de doer. Para este ritual cantam duas músicas específicas que são executadas pelos cantores da aldeia. Antigamente os meninos passavam pelo ritual da furação da orelha para se enfeitarem para ser bonito na festa. Hoje não estão seguindo os conselhos dos pais, da estética antiga dos Ikpeng. Depois que fura a orelha o menino só pode brincar em volta da casa, ele não faz nada sozinho.

Continuando seu crescimento, vão se ampliando os conhecimentos: os meninos acompanham seus pais e as meninas acompanham suas mães. Os meninos recebem aprendizado dos pais e também através de observações na confecção de materiais e artefatos como flecha, arco e borduna.

Saem juntos para caçar e pescar. Dependendo da especialidade do pai (se ele for contador de história, caçador, artesão, construtor de casa) o filho pode ou não aprender muitas coisas, também vai depender da curiosidade do filho.

A menina acompanha a mãe, observa como faz *meko*, *patxi*, *awrat maku*, algodão, vai para a roça carregar mandioca, cuida do irmão menor (mas não é obrigada), ensina seus irmãos menores.

“Tudo que está acontecendo hoje na nossa sociedade foi *Eptxum* que mostrou para *Maragareum*, que ensinou os Ikpeng. Mostrou a tatuagem, a furação da orelha, as flautas, as guerras e as músicas de guerra.”

Antigamente as mulheres também eram tatuadas para ficarem bonitas, crescerem mais rápido e cumprirem as regras. Era a estética Ikpeng. Hoje é raro a mulher ser tatuada, usa outras pinturas (do Alto Xingu), não se sente mais bonita com tatuagem. O menino tem que ser tatuado para ficar bonito e crescer rápido e, quando isso acontece, ele não pode comer peixe de couro, nem os que têm gordura. Também não pode molhar a cabeça e nem mesmo o rosto, não pode usar sal e pimenta. A tatuagem é muito importante na sociedade Ikpeng. Aquele que não foi tatuado é mal visto, feio, envelhecerá rápido. A tatuagem lhe garante a vida para não morrer cedo.

Quando o menino é **tatuado** tem a mesma dieta que os pais tiveram quando o menino era um *etpamte* e fica um tempo sem cortar os cabelos, até ficarem compridos. O dono da festa é quem decide quando vai ser o corte do cabelo do menino.



24 de agosto

Nós continuamos as atividades na escola. Os alunos que acompanharam o dia-a-dia das crianças apresentaram sua pesquisa para nós. Os alunos escolheram dezesseis crianças de várias idades: menino tatuado, menino de orelha furada, crianças de colo até cinco anos de ambos os sexos. Segue abaixo uma das pesquisas:

Criança: Kingrepo Ikpeng

Idade: 3 anos, **sexo:** feminino

Pesquisador: Kawire Renan Malaure Ikpeng

Data: 23/08/2006

“Durante a festa do Moygu, os pais do tucano tatuaram ele”. Foi assim que *Maragareum* viu a tatuagem. Para ilustrar bem esse momento foi apresentado o filme “O sonho de *Maragareum*”.

Na aldeia os Ikpeng dançaram para a gente e cantaram. Nós dançamos junto com eles e eles dançaram junto com a gente. O cacique Melobô gostou da nossa dança, nós passamos uma noite na casa dele, ele gostou muito da gente, ele ajudou muito a fazer a pesquisa, ele é grande pajé também. À noite, Melobô contou uma história e cantou uma música para tomar banho. Todo mundo correu para o rio para tirar a doença do corpo para a doença não chegar na pessoa.

Os alunos jovens foram orientados a fazer uma pesquisa com as crianças Ikpeng para ver os principais costumes. Para tanto, cada aluno apontou uma criança que gostaria de pesquisar. O aluno deveria acompanhar a criança por todo o dia, sem deixar que ela o percebesse.

Comecei a pesquisa bem de manhã. Às **6h25** Kingrepo estava acordando, balançando a sua rede e chorando para sua mãe. Quando ela acordou, logo desceu da rede e foi fazer xixi, depois ela foi na fogueira para esquentar. Assim que se esquentou ela pegou o pente e se penteou.

Depois de se pentear, a menina Kingrepo pediu o raspador (de mandioca) para sua mãe, então sua mãe deu a ela e foi para o seu trabalho ajudar a sua avó. Chegou onde estava a mandioca e começou a raspar a mandioca. Depois disso, ela foi tomar perereba com seu tio na cozinha da sua avó. Depois de tomar perereba ela retornou e iniciou seu trabalho novamente.

Às **7h15** a menina Kingrepo pediu para sua mãe pasta e escova de dente, então ela começou a escovar os dentinhos.

As **8h00** ela estava indo para o Posto Pavuru, acompanhar a sua irmã. Durante o atendimento de sua irmã, Kingrepo ficou sentada na calçada da UBS, esperando. Depois do atendimento ela retornou para a aldeia e no meio do caminho ela resolveu tirar as flores de *mempuyagi* (maracujá do mato).

Chegando na sua **casa** ela ficou descansando uns minutos, depois Kingrepo foi ao estádio para assistir jogo do Morena e Ikpeng. Além disso, ela e suas amigas estavam cantando uma musiquinha para seu primo Kampot.

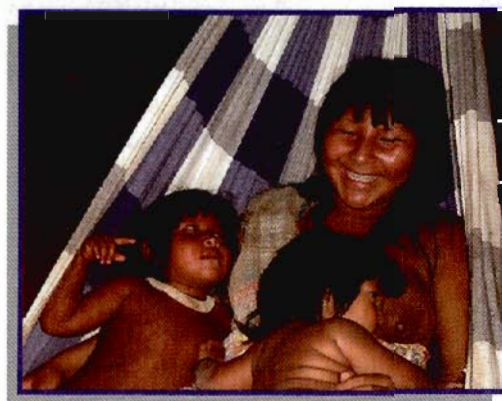
As **9h40** Kingrepo estava continuando a brincadeira, com enfeites e com pintura corporal, brincadeira que estava sendo realizada em volta da casa. Então Kingrepo e sua tia entraram na casa, lá Kingrepo foi fazer miçanga.

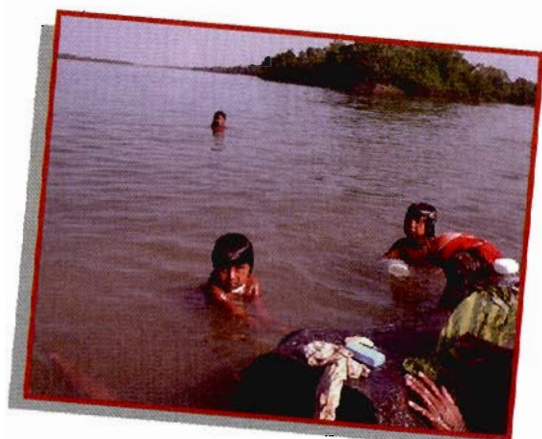
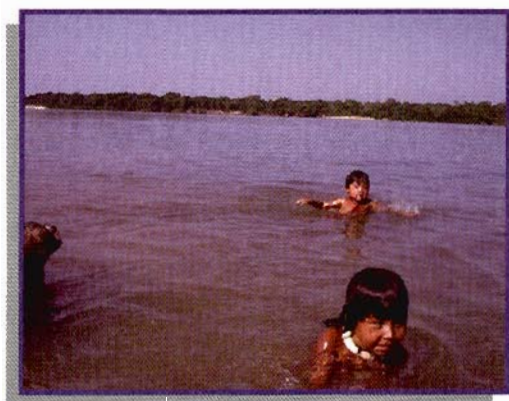
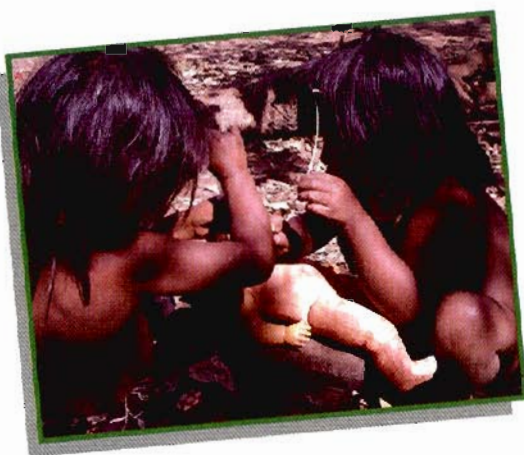
Depois de fazer miçanga ela foi raspar mandioca novamente, depois de raspar mandioca a menina Kingrepo pegou a redinha e foi brincar de redinha embaixo da goiabeira com suas amigas, lá ela ficou brincando, a Kingrepo.

As **14h00** Kingrepo estava comendo arroz que o seu tio trouxe do Pavuru. Depois de comer ela iniciou a brincadeira de novo, desta vez ela brincou com a **boneca**.

Depois de muitas brincadeiras Kingrepo resolveu **deltar** com sua mãe e sua irmã para pode descansar.

As **14h25** Kingrepo foi para o trabalho, ajudar a sua avó a ralar mandioca. Depois de ajudar a sua avó, Kingrepo e sua tia foram para casa, lá pegou a boneca e foi embaixo da goiabeira e passou a brincar de dentista, começou a extrair o dente da boneca que estava no colo de sua tia.





As **15h20** Kingrepo chamou mais **amigas** e começaram a brincar, dando injeção nas bonecas, e então ela, sua tia e seu primo Kampot foram tomar banho.

Kingrepo, sua tia e seu primo foram correndo para apostar corrida, chegando na beira deram pulo no rio e tomaram **banho**. Kingrepo lavou a garrafa do seu pai e pôs no sol para secar. **Brincaram**, Kingrepo e seu primo Kampot de bate-cara.

As **15h42** voltaram do banho para a aldeia, daí Kingrepo foi catar macaúba com sua avó. Chegando na casa ela nem descansou e começou a brincar de novo. Ela cercou seu quartinho com cobertor e ficou brincando.

Depois de muitas brincadeiras, Kingrepo e sua avó foram indo participar da reunião na casa dos homens. Lá ela ficou sem saber da reunião e ficou brincando com sua tia.

Além de brincar ela também ficou comendo mangaba verde e também resolveu fazer boneco de mangaba verde. Após isso, Kingrepo foi brincar perto do trator e subiu na carreta. Depois de brincar ela foi na casa, onde comeu peixe e depois da refeição Kingrepo resolveu limpar a casa, assim que ela parou de varrer sua casa a menina foi no banheiro.

As **18h45** Kingrepo comeu pirão de peixe que a sua avó fez. Depois de comer o pirão ela resolveu tomar banho e escovar os dentes. Após a escovação a menina Kingrepo finalmente foi deitar na sua rede.

As **19h50** Kingrepo dormiu depois de muitas brincadeiras e diversões.

Assim termina a minha pesquisa.

25 de agosto

O tempo que ficamos no Pavuru, passamos o dia na escola. Almoçávamos e às vezes jantávamos junto com eles na cozinha próxima a escola.

Uma noite dormimos na aldeia, noite em que os professores tinham que acompanhar as crianças. No dia em que dormimos na aldeia falamos bastante com o cacique Melobô, ele nos recebeu muito bem na sua casa. Foi lá que dormimos, eu, Batista e Cléris.

Houve um incêndio que destruiu uma das casas e todos ficaram tristes. Por isso fizemos somente uma avaliação oral na hora de ir embora. Maiua falou da importância do intercâmbio para a troca de conhecimentos e que os Ikpeng estarão sempre de braços abertos para receber os parentes, da satisfação de receber os professores Yanomami vindos de tão longe e manifestou curiosidade de participar do próximo curso de formação de professores Yanomami.

Os demais alunos e professores agradeceram à oportunidade de poder participar da oficina e falaram da satisfação de poder mostrar um pouco de seu cotidiano para os professores Yanomami e da curiosidade que tinham em relação aos parentes Yanomami.

26 e 27 de agosto

No dia 26 viajamos para a aldeia Tuiararé, do povo Kaiabi. Quando chegamos na aldeia o cacique recebeu a gente. À tarde eles se apresentaram e ficaram felizes de nos conhecer.

Os Kaiabi mostraram as **peneiras** e **rede** que eles fazem. Eles têm projeto de cestaria e tecelagem. Este projeto trata do resgate e valorização da cestaria do povo Kaiabi. Na oficina tinha mostra de várias peças que conseguiram resgatar através de pesquisa com os velhos. Outras peças também foram resgatadas através de fotos encontradas em um museu na Suíça. Logo que viram as fotos os velhos lembraram do artefato, de como usava e principalmente como construíam.

Nós nos apresentamos para eles e mostramos no mapa do Brasil onde moramos.

No dia 27 os professores Kaiabi nos levaram para o mato para mostrar a **planta** de arumã que eles plantaram para fazer a peneira. Eles trouxeram arumã do Pará, na área do XINGU não têm arumã. Essa planta foi





manejada do Pará, antigo território dos Kaiabi, onde ainda moram alguns de seus familiares. Trata-se da matéria-prima para fazer as peneiras, não existente na região do Parque do Xingu. Além da peneira, também fazem rede na aldeia, alguns deles não compram rede dos brancos.

28 e 29 de agosto

Seguimos para o Posto Indígena Diauarum e ficamos na casa do ISA. À tarde nós visitamos o escritório da Associação Terra Indígena Xingu - ATIX e a Casa do Mel, olhamos o posto de saúde. O Presidente da ATIX, Makupa, conversou com a gente sobre a história do Xingu. A cabeceira do rio Xingu fica na cidade, fora da área indígena, por isso o rio está contaminado. Ele disse que uma de suas grandes preocupações do momento é a construção de uma barragem na cabeceira do rio Culue-ne, bem próxima de suas terras: "A poluição da água nos trará um grande problema, que são as doenças". Muitas lideranças indígenas do Parque estão envolvidas na paralisação da construção. Makupa falou também do projeto com a apicultura, que depois de muitas tentativas de trabalho com outros materiais, finalmente a produção de mel está dando certo.

Cada aldeia tem uma casa do mel. A produção é enviada para a ATIX, embalada em Canarana e enviada para a cidade de São Paulo, onde há um contrato de venda com a rede Pão de Açúcar. Isso que o Makupa passou para nós. Nós almoçamos, arrumamos a nossa bagagem e seguimos viagem até Ngôsôko.



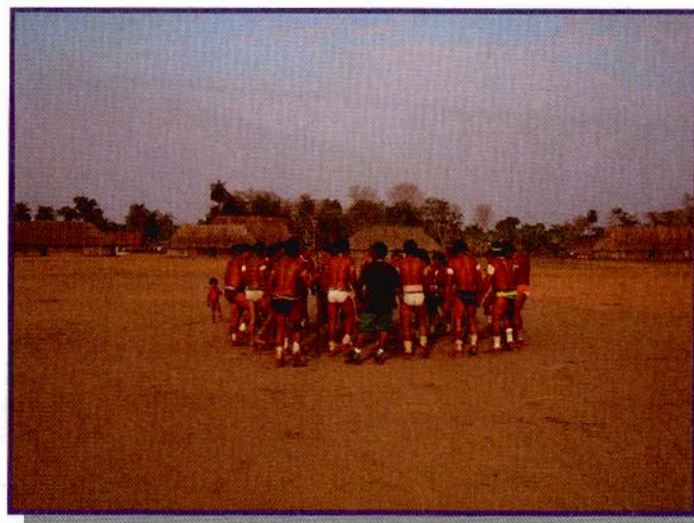
Viajamos de carro até a aldeia Ngójhwerê. Os professores se apresentaram para nós. No dia 30 eles cantaram para gente e **dançaram**.

Nós mostramos a nossa cultura, cantamos e **dançamos** para eles, eles gostaram da nossa dança e música.

No dia 31 nós saímos da área, no dia primeiro de setembro viajamos para Brasília e fomos direto para Manaus e fomos para a SECOYA.

É realmente muito interessante como a linguagem visual prende a atenção e estimula a reflexão. Durante a permanência no Parque Indígena do Xingu, a cada nova situação na escola, no discurso dos professores graduados, participação maciça das lideranças em suas produções (filmes), os professores Yanomami manifestavam-se propensos a buscar esta conquista dos parentes xinguanos. Foi bastante interessante. Aproveitamos para reforçar o discurso da importância da formação e valorização da cultura de seu povo.

Na apresentação dos trabalhos de pesquisa, os alunos falaram da necessidade de se conhecer melhor o tempo das crianças se quisermos desenvolver um bom trabalho com elas. Essa temática envolveu todos os alunos e professores, alguns deles disseram que não sabiam que durante sua infância eram privados de comer certos alimentos, não conheciam essas regras, mas agora estão conscientes e atentos.



Mayoruna visita Yanomami

14/09 a 03/10/2006

Textos de ARCEU MAYORUNA, agente de saúde indígena da comunidade Lobo; OSVALDO MAYORUNA, professor da comunidade Trinta e Um na Terra Indígena do Vale do Javari e BEATRIZ MATOS (assessora pedagógica)

1. A viagem

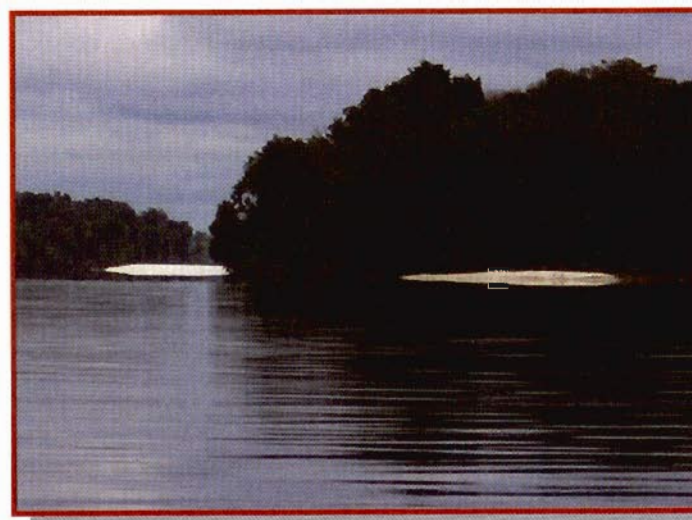
Nossa viagem começou aqui em Tabatinga, cidade onde fica a sede do CTI. Arceu, agente de saúde indígena da comunidade Lobo, e Osvaldo, professor da comunidade Trinta e Um, ambos do povo Mayoruna, chegaram a Tabatinga depois de uma longa viagem de peque-peque, do alto Javari, onde ficam suas aldeias, até a boca deste rio no Solimões, perto da cidade de Benjamin Constant. De Benjamin vieram para Tabatinga num barco deslizador que faz transporte de uma cidade a outra.

Em Tabatinga recebi Osvaldo e Arceu no dia 13 de setembro e dia 14 partimos para Manaus de avião. Em Manaus conhecemos a sede da SECOYA. Lá toda a equipe (saúde, educação e logística) nos recebeu e explicou como é o trabalho da SECOYA. Conversamos com Socorro e Cléris, que trabalham no setor de educação. Elas nos mostraram o material de alfabetização na língua Yanomami produzido pela SECOYA. Arceu e Osvaldo gostaram muito desse material, e comentaram a necessidade de fazermos também um material assim.

Arceu queria muito visitar seu pai que estava internado na Casa do Índio em Manaus, e fomos até lá. Seu pai tinha um tumor no intestino e esperava por uma operação na CASAI de Manaus há mais de um mês.

No dia seguinte, dia 15, pegamos o recreio Tanaka, no porto São Raimundo, em Manaus, com destino à cidade de Santa Izabel da Cachoeira, que fica um pouco abaixo da boca do rio Maraujá. Nos dois dias e meio que viajamos nesse barco, Arceu, Osvaldo e eu nos impressionamos muito pelas ilhas fluviais e pela cor do **rio Negro**. Na região do alto Solimões, o próprio rio Javari e afluentes (onde vivem os Mayoruna no lado brasileiro) são muito diferentes. Osvaldo e Arceu reconheceram essa diferença também nos animais e nas árvores pelos quais passamos na viagem.

Foi muito interessante para eles, que afirmaram nunca terem visto um rio tão negro. Constataram também em conversas com passageiros que a variedade e quantidade de peixe no rio Negro são muito menores que as dos rios Javari e afluentes. Disseram também que no território deles existem igarapés que têm a água mais escura, e isso porque suas cabeceiras estão em buritizais, mas nunca a água é tão preta assim!



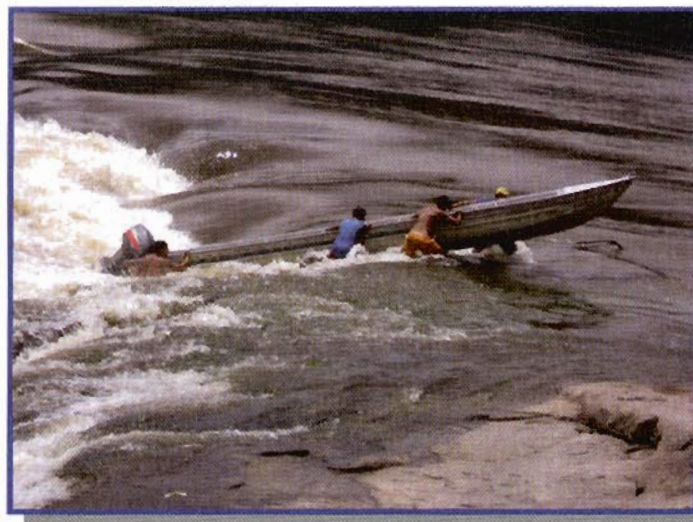
Chegamos a Santa Izabel da cachoeira às 6 horas da manhã do dia 18. Lá conhecemos a sede da SECOYA local, e Osvaldo e Arceu gostaram muito de toda a infra-estrutura que a SECOYA possui para o trabalho com os professores e educação indígena. Nesse ponto eles notaram a diferença com o CTI, que aqui no Vale do Javari possui um escritório e nenhuma embarcação ou logística própria. Conversamos sobre isso, como o trabalho da SECOYA e do CTI é parecido, como são ONGs indigenistas, mas que o trabalho do CTI está apenas no começo.

Nessa manhã mesmo começamos a subir o rio Marauíá, onde ficam as comunidades Yanomami que iríamos visitar. Antes de subir o rio, ficamos sabendo de duas professoras da SECOYA que estavam no hospital em consequência da malária. Ficamos um pouco preocupados, e sabemos como a situação de malária na Terra Indígena Yanomami é tão grave quanto à do Vale do Javari.

Depois de algumas horas de viagem de barco, subindo o rio Marauíá paramos na comunidade Bicho-Açu, que fica enfrente a uma cachoeira linda.

Os dois Mayoruna ficaram muito impressionados com a cachoeira e as pedras que tem no rio. Arceu disse que nunca havia visto pedras assim, nem cachoeira, e que nunca imaginou que iria ter a oportunidade de conhecer cachoeira, e que estava muito feliz por isso. Osvaldo também gostou muito. Eles se divertiram **ajudando** os motoristas a empurrar a canoa cachoeira acima.

Na comunidade Bicho-Açu conhecemos o xapono (nome do conjunto de casas dispostas em forma circular,



uma colada na outra, que forma uma única maloca com um pátio no meio, a céu aberto). No xapono, logo que entramos, vimos um senhor no pátio fazendo um ritual. Cléris nos explicou que todos os dias alguns homens tomam o parica, um pó feito da semente de uma árvore, e através dele são capazes de ver muitas coisas. Disse que eles fazem esse ritual cotidianamente, para proteção dos Yanomami. Enquanto esse senhor fazia seu ritual no pátio do xapono, nós caminhamos por todas as casas, onde as pessoas estavam deitadas na rede, cozinhando, tecendo, fazendo cestos, suas atividades do dia-a-dia. Numa das casas estavam quatro homens sentados, bem adornados e pintados, tomando o parica. Arceu se encantou com o traçado do teto das casas, e tirou fotos. Osvaldo e Arceu ficaram bem impressionados e curiosos com o ritual. Eles me fizeram muitas perguntas, e eu também não conhecia, mas depois nós três tivemos oportunidade de conversar sobre isso com os pajés e até de experimentar um pouquinho do parica.

Conhecemos a escola, que é parecida com as demais escolas construídas pela SECOYA nas aldeias Yanomami. Toda de madeira, com o telhado de zinco, bem pintada e conservada. A escola possuía duas salas, uma mais aberta, sem paredes e uma fechada. Nessa escola do Bicho-Açu trabalha o professor Yanomami Manuel e a professora napë (não-indígena), contratada pela SECOYA. A escola possuía também mapas e materiais para didáticos bem interessantes. Osvaldo e Arceu gostaram muito da escola, e manifestaram o desejo de possuírem escolas assim em suas comunidades, já que na maioria das comunidades Mayoruna do Vale do Javari não há escolas, os professores lecionam nas suas próprias casas ou em casas construídas pela própria comunidade, de paxiúba e palha. Cléris, que estava nos acompanhando, explicou que a prefeitura de Santa Izabel do Rio Negro não reconhece as escolas da Terra Indígena Yanomami, e que esta é uma luta dos professores e comunidades da Terra Indígena. Disse também que todas as escolas foram construídas pela SECOYA, e que essa ONG está também formando os professores Yanomami.

Continuamos a viagem rio acima, e paramos na cachoeira Tucumã, onde já havia um tapiri, para passarmos a noite. Mais uma vez Arceu e Osvaldo ajudaram os motoristas a atravessar a canoa cachoeira acima, e se divertiram com isso. A cachoeira Tucumã é muito bonita, e nas pedras ficam "milhões" de borboletas amarelas, completando um cenário maravilhoso. Ficamos encantados com o pôr-do-sol na cachoeira, e seu barulhinho acolhedor. Para os dois Mayoruna que nunca haviam visto uma cachoeira, dormir lá foi uma experiência incrível. Foi bonito ver a emoção deles. Eles tiraram muitas fotos.

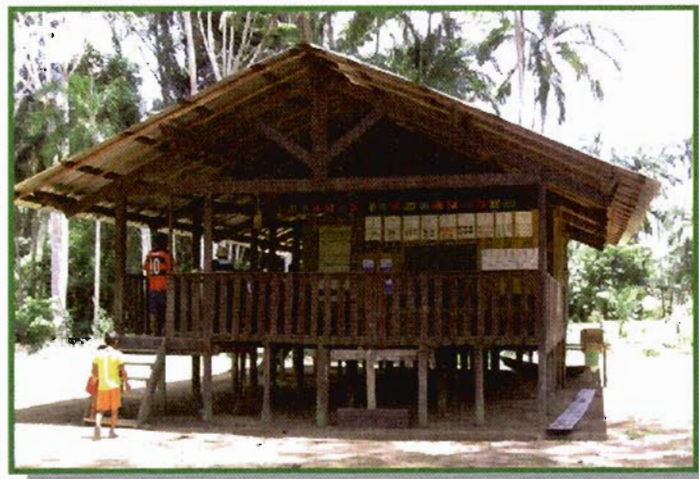
No dia seguinte continuamos a viagem, passamos por mais três aldeias, a missão dos Salesianos, a Ixima e a Pukima.

Na missão há também uma escola e um posto de saúde construídos pela SECOYA. Lá o xapono tem as casas fechadas por paredes. Nesse xapono havia cinco homens velhos fazendo um ritual. Osvaldo e Arceu experimentaram o parica.

Eles sentiram o parica muito forte, e Arceu até viu sua pele com uma cor diferente! Ele ficou um pouco assustado, mas gostou muito.

Na aldeia Ixima também há uma escola da SECOYA e uma **escola** de alvenaria que foi doada por uma instituição alemã, onde funciona o posto de saúde. A aldeia Ixima estava vazia, pois todos haviam ido caçar para uma festa que iriam fazer.

A aldeia Pukima também estava vazia, pois todos estavam caçando para a mesma festa.



2. A aldeia Raita

Chegamos então às seis da tarde do dia 19 de setembro na aldeia Raita, onde iríamos passar a semana. Lá ficamos hospedados no posto de saúde, com a professora da SECOYA Katiclene, que já estava lá. A casa do posto já está bem velha, mas estavam finalizando outra.

O xapono é menor que os que vimos antes, nos disseram que lá moram cerca de 80 pessoas. A escola funciona numa das casas do próprio xapono, ainda não foi construída uma escola no Raita. Assim que nos instalamos, fomos assistir a uma aula. Era para o pessoal avançado, ou que já foram alfabetizados. A aula foi iniciada pela professora Katiclene, e terminada pelo professor Daniel. Foi feito um bingo com números da seqüência de 50 a 100. Percebemos que os alunos conhecem bem os números, e que o professor Daniel é muito sério e interessado pelo seu trabalho, mas ainda está bem no início de sua formação. Assim, o trabalho da professora da SECOYA é também formar o professor. Osvaldo fez a comparação com os professores Mayoruna, disse que eles também estão num estágio muito inicial de sua formação e ainda sentem a necessidade de um professor não-indígena na aldeia.

Após o almoço fui com Arceu dar uma volta no xapono para conhecer as pessoas. Arceu queria **experimentar** mais parica, então fomos pedir para o cacique Luiz, da aldeia Raita, que nos foi apresentado na nossa chegada, para que desse um pouco de parica para Arceu. Conversando com Seu Luiz, Arceu lhe contou que os Mayoruna também têm um "parica", feito de folhas de tabaco. Contou também que os Mayoruna usam um soprador feito de

osso de mutum para tomar o rapé, o parica deles. Seu Luiz ficou muito curioso com isso, e Arceu perguntou se eles tinham osso de mutum e breu, que assim ele podia fazer um soprador de rapé Mayoruna para o cacique. Um jovem trouxe os ossos e o breu, e Arceu começou a fazer o soprador. Isso despertou a curiosidade de todos que estavam por ali, e se aglomerou um monte de gente em volta da escola, onde estávamos, para ver o Arceu fazer o uesnid canite ("osso de mutum", nome que os Mayoruna dão ao soprador). Depois de pronto, Arceu provou o soprador, com o parica do Seu Luiz. Todos riram muito! Depois ele passou o soprador para o cacique, que tomou muito parica com ele. Vários jovens experimentaram o soprador com o parica, e eu também experimentei um pouco. Depois de todos experimentarem e rirem das trapalhadas de alguns que estavam aprendendo ainda a usar o soprador que o Arceu fez, este deu de presente a novidade para o cacique, que ficou muito feliz e agradecido.



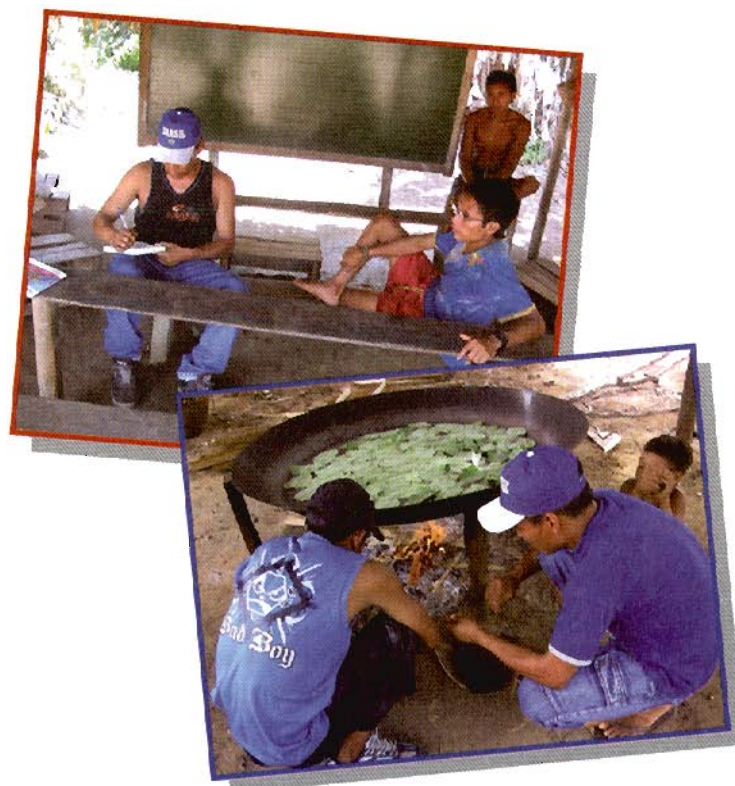
Às três da tarde fizemos uma reunião com a comunidade sobre nossa presença lá, sobre o intercâmbio e os objetivos. Cléris nos apresentou para a comunidade. Arceu e Osvaldo falaram como era importante para eles estarem conhecendo outro povo, a cultura, a escola, a saúde em outros territórios indígenas. Osvaldo falou que eles iriam repassar para as comunidades deles o exemplo dos Yanomami, que mantêm forte “a cultura”, principalmente a prática do xamanismo. Arceu falou que nunca havia sonhado em conhecer a comunidade Yanomami, e disse que quem sabe um dia os Yanomami iriam conhecer a comunidade dele.

Durante nossa estadia na aldeia Raita, do dia 19 a 27 de setembro, acompanhamos uma oficina de brincadeiras que fazia parte das atividades da escola. Na oficina foram feitas entrevistas, primeiramente com os homens mais velhos, depois com as mulheres mais velhas, sobre como eles brincavam quando eram crianças. Em seguida foram entrevistados meninos e meninas sobre as brincadeiras que eles brincam hoje. A idéia era que as crianças de hoje aprendessem as brincadeiras antigas. Osvaldo gostou muito dessa atividade, e disse que iria fazer assim também em sua escola. Osvaldo e Arceu anotaram todos os depoimentos dos mais velhos, e ficaram impressionados com as histórias que algumas pessoas contaram de sua infância marcadas por guerras.

Outras atividades interessantes foram desenvolvidas no Raita. Arceu realizou uma **entrevista** com os agentes de saúde, recolheu dados sobre a situação de saúde do povo Yanomami e fez comparações com a de seu povo.

Fomos visitar a roça dos Yanomami, e Arceu e Osvaldo fizeram anotações e compararam com a roça Mayoruna.

Osvaldo e Arceu voltaram na roça e **colheram** folhas de tabaco, que os Yanomami usam na boca, e fizeram o rapé tradicional dos Mayoruna. Disseram que a planta era a mesma, apenas a forma de usar era diferente. Eles torraram as folhas de tabaco e depois misturaram com a casca de um pau que também acharam na roça, da mesma forma que fazem em suas aldeias. Vários Yanomami provaram o rapé Mayoruna, e gostaram muito de ver como ele era feito.



No final da oficina de brincadeiras, as mulheres e os homens Yanomami mostraram danças e **brincadeiras** de festas.

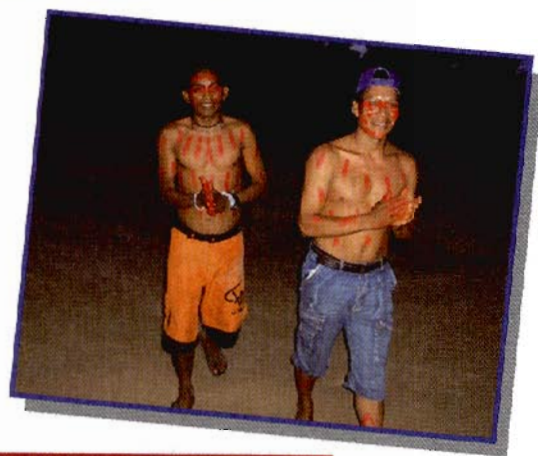
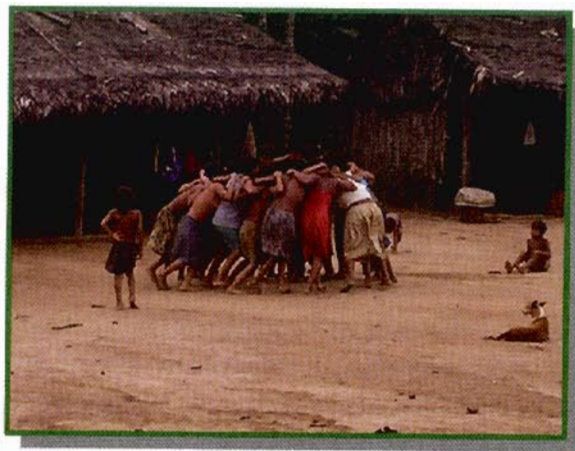
Arceu e Osvaldo também se **pintaram** de urucum com os emblemas de seus clãs e dançaram para os Yanomami conhecerem a festa dos Mayoruna. Antes de dançar eles explicaram as diferenças nas pinturas dos clãs.

Arceu e Osvaldo estavam muito curiosos para ver de perto a serra que podemos avistar do xapono do Raita. Assim, os Yanomami convidaram os dois para uma caçada, perto da serra. Nos dias 24 e 25 eles estiveram fora na caçada, subiram a serra e tiraram fotos dessa pequena viagem. Os dois ficaram muito impressionados e felizes por conhecerem a serra. Não há montanhas com rochas nas terras dos Mayoruna. Além disso viram pelo caminho uma cachoeira grande, que também gostaram muito.

Outro fato marcante foi a **festa** que toda a aldeia Raita fez para a nossa despedida. Os meninos pintaram Arceu e Osvaldo como Yanomami, e as mulheres me pintaram também. Dançamos muito, Arceu e Osvaldo dançaram, cantaram, tiraram fotos e filmaram.

Durante todo o intercâmbio, Osvaldo e Arceu registraram num diário tudo que viram e aprenderam na visita aos Yanomami.

Tivemos a oportunidade de conhecer vários aspectos da vida dos Yanomami, e da geografia do lugar, que é tão diferente da bacia do rio Javari.



Visita dos Ikpeng aos Matis

15 a 29/09/2006

Textos de MAIUA IKPENG, professor da comunidade Ikpeng no Parque Indígena do Xingu e ROSANA GASPARINI, assessora pedagógica

1. Do Xingu ao Vale do Javari

Nossa viagem teve início com a saída da aldeia Moygu no dia 09 de setembro de 2006, de onde **partimos** eu (Rosana Gasparini, assessora pedagógica do ISA), Maiua, professor indígena da Escola Indígena Estadual Central Ikpeng e Tawarero, aluno e uma das lideranças jovens Ikpeng. **Saímos** da cidade de Canarana no dia 13, passando por Brasília e Manaus, chegando às cidades de referência para a entrada ao Vale do Javari, Tabatinga do lado brasileiro e Leticia do lado colombiano, no dia 14/09.

MAIUA IKPENG. Ao conhecermos os lugares observamos que a cidade Manaus tem muita mata em volta das casas e as matas ciliares são preservadas. Isso eu achei bonito, diferente da cidade de Brasília. Nós vimos também muitos descendentes de índios e migrantes dos outros estados, que geralmente vêm à procura do emprego.

Nós viajamos para a cidade Tabatinga/AM. Ao embarcar a nossa bagagem uma pessoa aproximou-se de mim e perguntou se nós estávamos viajando para Tabatinga e se eu poderia levar a sua encomenda para esta cidade, olhei bem na cara dela e disse: “- Não, eu não a conheço.” Mas como isso foi estranho! No vôo de Manaus até Tabatinga observamos floresta fechada em quantidade grande. Quando chegamos em Tabatinga e estávamos aguardando nossas bagagens, chegou uma jovem de aproximadamente 18 anos

de idade e me perguntou se eu tinha trazido a encomenda dela. Mais uma vez olhei bem duro e disse: “- Não, quem é você, será que eu te conheço?” Neste ponto mais uma vez achei estranho e fiquei pensando: “- Por quê?”

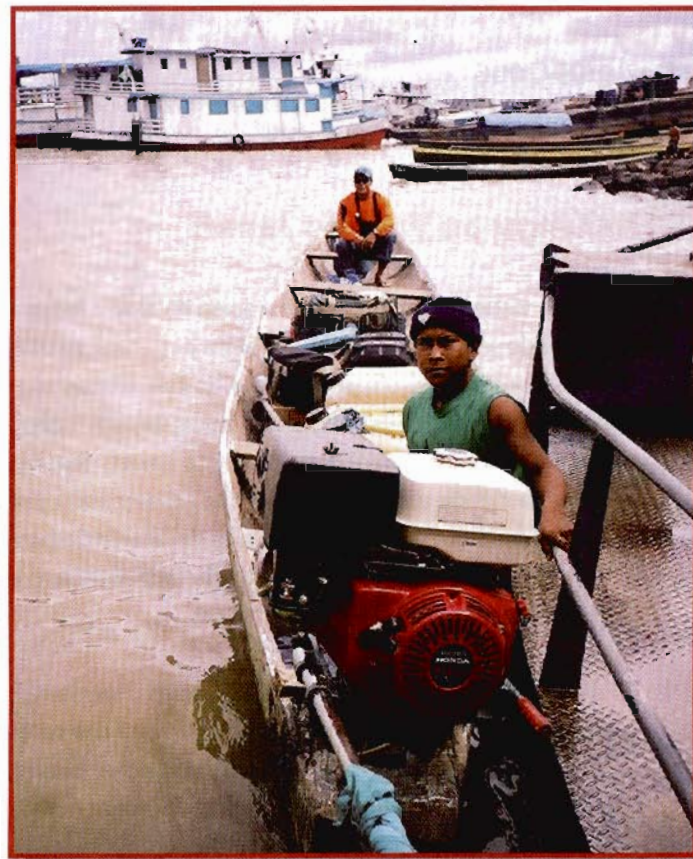
Logo pegamos um táxi e fomos para um hotel em Leticia, chamado HOTEL LA FRONTERA. Nesta fronteira vimos uma diferença grande, muita mistura de índios com a Colômbia, os colombianos se expressando em castelhano. Nesta cidade não tem muitos carros, somente motos e bicicletas, os motoqueiros não usam capacetes e não há semáforo. Mas tem muita mata em volta da cidade, é um lugar pantanoso, o clima é muito quente e úmido. Os moradores consomem muito peixe e não comercializam, geralmente pescam com rede de nylon.



Iniciamos a viagem para o Vale no dia 16/09, num percurso que duraria três dias e duas noites e meia em **canoa** dos índios Matis, realizando poucas paradas para banho e banheiro. A embarcação é uma canoa tradicional de aproximadamente 12 metros e é movida por motor de rabeta 13 HP, também conhecido por peque-peque. O percurso se dá pelo rio Solimões, onde divisamos com a Colômbia e o Peru. O combustível para as embarcações é comprado em balsas flutuantes, localizadas em grande extensão das margens do rio, que se torna extremamente poluído, por óleos e dejetos domésticos lançados a revelia. Porém, é onde se vê populações indígenas se utilizando da água para banhar e cozinhar, juntamente com a saída de grandes embarcações de turismo, que levam em grande parte turistas estrangeiros.

Entrando no rio Javari passamos pelas cidades de Benjamin Constant e Atalaia do Norte, ainda no primeiro dia, e por um longo percurso divisamos com o Peru, onde é possível observar atividade intensa de extração de madeira, as toras ficam na água até serem recolhidas pelas serrarias.

MAIUA IKPENG. Geralmente o posto de gasolina fica no rio Solimões, na balsa grande. Por isso, pela minha concepção, acho que é poluente. Quando o combustível é colocado no tambor cai na água polui o rio, pois não tem bomba para estar colocando a quantidade certa. Eu vi peixes mortos na beira do rio, muito lixo sem controle nenhum da comunidade. Quando os índios desta região chegam na cidade ficam tomando a água deste rio poluído. Na balsa da FUNAI encontramos quatro índios Matis. Um deles entrou na canoa, me cumprimentou e perguntou meu nome e dos colegas. Nós nos apresentamos e iniciamos nossa



viagem no rio Solimões. Entramos na área dos índios Ticuna, que fica encostada da cidade de Tabatinga/AM. Segundo relato do Aldenir Marubo são 36.000 pessoas.

Subindo o rio Solimões encontramos muitos pescadores, a maioria deles eram peruanos pescando jaraqui e pacu com rede de nylon, também vimos muitas plantações de melancia, milho e mandioca nas margens das praias. Isso foi uma novidade boa para mim, achei muito legal. Pela manhã chegamos à entrada do rio Javari, onde

Língua Matis	Língua Marubo	Língua Ikpeng	Língua portuguesa
- Matcho	- Tohitcho	- Ekiri/timpi	- pessoa idosa (mulher)
- kué	- chéwi	- pilu	- vagina
- kué nua	- imidakdini	- oke pilu	-
- ébidjuek	- énuqui	- marep	- chegou
- bëra	- ruaka	- karake	- boa, bonito, bom.
- bërabo	- wataga	- tumok	- gostoso
- tchampi	- aênwo	- angpi	- criança
- bamã	- fama	- impe	- não tem
- tchawa	- tangkuru	- awyana	- queixada
- koenat	- kasta	- kara	- arara
- wasnit	- asin	- tigato	- mutum canastra
- tsari	- chéke	- anat	- milho
- xubu	- tampo	- owro	- casa (maloca)
- ué	- oi	- kongpo	- chuva
- kamun	- kamã	- akari	- onça
- dué	- riskite	- togo	- facão
- tãitã	- ëwa	- troye	- mãe
- masku	- také	- iru/imano	- irmão
- nukunawi	- ëwëskwa	- imuye	- esposa
- maxi	- maxi	- rengmung	- praia
- nicho	- tangko	- amero	- tracajá
- waká	- waka	- ga	- água
- bain	- wain	- txelupi	- surubi/pintado
- ebësekase ëwi	-	- geminke uro	- estou com fome
- mibi bërambo	-	- karake omro	- você é bonito
-	- chumpa	- momong	- mamão
- Iginirewi	-	- kombipe	- ta frio
- itsistap	-	- irip	- quente
-	- awëtakëa	- iwari	- amigo
- isukumak	- miwësöe	- morenge	- acordou
- enawat	- ame	- tunan	- capivara
- kapët	- kapë	- iramna	- jacaré
- nawa	-	- tupi	- caraíba
- ëbi	-	- uro	- eu
- mibi	-	- omro	- você
- mibi bëra kimo	-	- karake omro	- você é gentil
- neket	-	- ugun	- ele
- nuki	-	- tximna	- nós
- neketbo	-	- ugyam	- eles
- nesek	-	- iptxap	- vou tomar banho
- bëpeno	-	- anepko	- traz (trazer)
- betá	-	- teruk	- dar
- chochoket	-	- piat	- feiticeiro/ pajé
- sipi	-	- txikpa	- mico leão
- tchampi bakuwë	-	- anepko petkom	- menina (criança)
- sipitchot	-	- yawuga	- mico leão dourado
- bakuwë	-	- etpamte	- criança recém-nascida
- papi	-	- angpi	- menino (criança)
- dará	-	- ugwon	- homem
- tsirabo	-	- petkom	- mulher
- darasibo	-	- ekiri/amu	- pessoa idosa (homem)

fica localizada a cidade de Benjamim Constant. Depois de algumas horas chegamos ao rio Ituí e prosseguimos neste rio durante três dias e duas noites sem parar para dormir. Foi uma aventura dramática, muito cansativa e um desafio muito grande para nós. Durante a viagem eu fui entrevistando professor Aldenir Marubo sobre o trabalho na sua comunidade em relação à educação e ao currículo. Ele me contou que a escola não tem currículo pronto, que a secretaria de educação do município de Atalaia do Norte não entrega logo os materiais escolares para sua aldeia, leva quatro ou seis meses para entregar. Assim também acontece com a merenda escolar. Durante a viagem eu fui anotando algumas informações e os nomes dos animais na língua Matis e Marubo com a tradução para língua Ikpeng, isso eu gostei.

Durante a madrugada alcançamos a confluência dos rio Itacoai com o Ituí, localidade próxima de onde se inicia a Terra Indígena do Vale do Javari e está instalada a "Frente de Proteção Etno-Ambiental", um programa de parceria entre Funai e CTI, para proteção e fiscalização da região. A Terra Indígena do Vale do Javari ocupa uma grande extensão de terras, somando 8.520 quilômetros quadrados e é ocupada pelos povos Marubo, Matsés (Mayoruna), Matis, Kanamari, Kulina-Pano, Kulina-Arawá, Tsohom Djapá e pelo menos seis povos isolados.

Logo após um breve controle do pessoal que trabalha na "Frente", para vistoria das bagagens e apresentação da autorização emitida pela Funai para a entrada na área, seguimos pelo rio Ituí, no sentido de sua nascente. Neste eixo localizam-se as aldeias dos povos Korubo, Matis e Marubo, à montante.

No segundo dia de viagem encontramos uma embarcação, um pouco maior que a nossa, também com motor teque-peque, que levava uma enfermeira e uma auxiliar de enfermagem, vindas de Atalaia do Norte, para visita e atendimento às aldeias Matis e Marubo.

2. A aldeia Beija-flor – primeira parada

Nossa primeira aportagem, no terceiro dia, foi na aldeia Beija-Flor, formada de uma divisão entre o povo Matis, há mais ou menos dois anos. Esta aldeia dista oito horas de viagem da aldeia Aurélio, a principal e mais populosa.

MAIUA IKPENG. Nós fomos recebidos pelo cacique Ivan Matis, pelo professores Binin e Pixisma e pela comunidade, eles ficaram curiosos de nos ver. Logo almoçamos macaco barrigudo, macaxeira, banana de fritar e mingau de banana.

Ao seguirmos a nossa viagem deixamos alguns presentes: dez terçados e uma caixa de cartucho carregado calibre 16. E fomos para a segunda aldeia Matis, aldeia Aurélio.

3. A aldeia Aurélio – estadia de três dias

Seguimos para a aldeia Aurélio, chegando à meia-noite no porto, onde fomos recebidos por quase toda a comunidade, que nos aguardava com grande expectativa. Ficamos nessa aldeia três dias, como combinado, concretizando enfim nossa expectativa de trocas, que foram intensas e permeadas de muita emoção.

O primeiro dia, em companhia do cacique Txëma, e dos professores Tëpi e Make, foi de conhecimento da aldeia, de

seus moradores e dos principais **recursos** que se utilizam no dia-a-dia.

MAIUA IKPENG. Na manhã do dia 20 de setembro fomos para a maloca nos apresentar. O cacique Txëma Matis falou na sua língua materna e os dois professores Tëpi e Makë estavam traduzindo para a língua portuguesa. Logo eu e o Tawarero falamos sobre a nossa comunidade, organização social do Ikpeng e sobre o objetivo da nossa visita a esta comunidade. Depois disso retornamos para nosso alojamento para tomarmos café da manhã. Em seguida fomos visitar as casas, acompanhados do cacique Txëma, professores e outras pessoas da comunidade.

Durante a nossa visita, o cacique Txëma foi apresentando sua família, o alimento que a comunidade consome, artesanatos e os instrumentos de caça como **zarabatana** e flechas. Geralmente eles usam zarabatana para caçar macaco, mas as caças grandes eles matam com arco e flecha como porco do mato, anta e queixada.

De acordo com o relato do cacique, antigamente existiam muitos pajés, só que morreram todos em epidemias de sarampo, coqueluche, hepatite B e malária, depois do contato com o homem branco. Hoje em dia este conhecimento não está sendo aplicado e praticado, por motivo de terem muita influência das coisas do homem branco. Atualmente a comunidade e principalmente os jovens incorporaram o modo de viver do homem branco. Há muito consumo de perfume e outros produtos, apesar de serem recentemente contatados pelo homem branco (década de 70).

À noite os jovens Matis realizaram suas brincadeiras na maloca, dançando, representando e imitando sons dos animais da floresta, numa interação com as mulheres que se dispunham em redes, nas áreas reservadas para elas na chubu (maloca). Nessa mesma noite os professores Matis organizaram uma conversa com os mais velhos na chubu, pois reconheceram que a experiência dos xinguanos deveria ser compartilhada.

MAIUA IKPENG. À noite nos reunimos com a comunidade na maloca tradicional deste povo, para explicarmos sobre o objetivo do intercâmbio e contar sobre a educação e a perspectiva da escola para o povo ikpeng, a fim de dar um exemplo a esta comunidade, ajudar os professores Matis a serem apoiados pela sua comunidade.

O grande destaque foi a boa impressão que os Matis sentiram pela desenvoltura do professor Maiua em retratar a realidade do Xingu e as conquistas que vêm alcançando frente aos novos desafios que a relação com a sociedade envolvente lhes coloca. Seu discurso teve o enfoque na participação da política educacional, na discussão das questões ambientais e principalmente na gestão da saúde. Tawarero também relatou seu aprendizado da cultura transmitida pelo seu pai, Pakpako, e de seu aprendizado na escola, junto aos seus professores, assim como de sua expectativa em se formar no Ensino Fundamental.

No segundo dia os professores nos levaram a uma pescaria na lagoa que leva o nome do cacique, pois foi ele quem a descobriu no passado.



MAIUA IKPENG. Nós fomos até o lago pescar com rede de nylon, assim como a tarrafa. Lá pegamos jaraqui, piabas e outras espécies de peixes, as mulheres Matis, Kaná e Tupã cozinharam os peixes, fizeram mingau de banana de fritar para que nós pudéssemos almoçar neste lago, que fica localizado aproximadamente 2 km da aldeia Aurélio.

A tarde desse mesmo dia ficou reservada à escola, onde compareceram os **alunos e as alunas** do professor Tēpi, para a apresentação, pois as aulas ficaram suspensas por conta da nossa visita.

As champi se enfeitaram, como em dias de festa, para receber o professor e o aluno xinguanos, assim como se preparou **Tawarero**, com seus enfeites e urucum, para sua apresentação. **Maiua** foi enfeitado pelos professores Matis, numa clara representação de trocas.

MAIUA IKPENG. No período da tarde fomos à escola visitar o trabalho do professor Tēpi, onde ele fez abertura explicando sobre seu trabalho assim também sobre o intercâmbio para seus alunos. Os Matis chamam a escola de darawete xubu (casa de aprendizagem).

O cacique apresentou e explicou sobre seus enfeites usados antigamente, baseado na imagem das fotografias antigas. Explicou também que as novas gerações não estão usando mais por motivo das mortes, que geralmente estão ocorrendo com muita frequência. Elas são provocadas por hepatite B e D.

Aproveitando essa visita na escola, eu copiei o alfabeto Matis, que estava pregado na parede da escola:

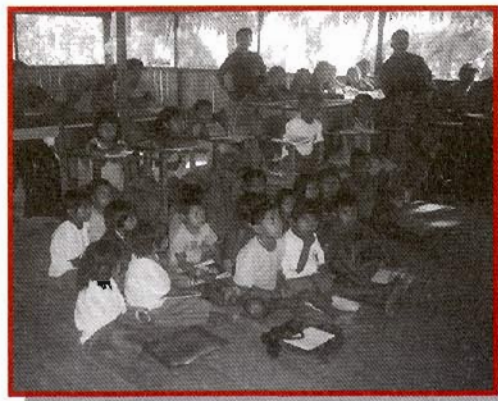
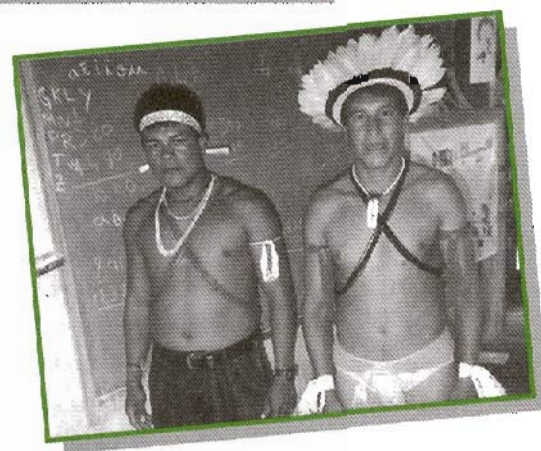
A	E	ë	i	o	U	ão
Tsa	Tse	tsé	tsi	tso	Tsu	tsão
Txa	Txe	txë	txi	txo	Txu	txão
Cha	Che	ché	chi	cho	Chu	chão
Ak	Ek		ik		Uk	
Ax	Ex	ëx	ix		Ux	
Ka	Ke	kë	ki	ko	Ku	
Ap				op		
Na	Em	ën	in	on		
	Es		is		Us	

Eu expliquei sobre o objetivo da nossa visita e meu aluno Tawarero contou sobre a organização da sociedade Ikpeng e sobre o funcionamento da escola dentro da comunidade, como a nossa comunidade está pensando sobre a escola, como deve funcionar e qual é a esperança da comunidade em relação às aprendizagens dos seus filhos. Depois disso perguntamos para os alunos Matis o que estão achando do trabalho dos dois professores, o que gostam de aprender na escola e o que querem aprender. Alguns alunos responderam, mas a maioria deles ficou inibida. Um deles falou que gostava muito dos trabalhos dos professores e gosta muito de estudar, que estava muito contente porque conseguiu aprender a ler e escrever sozinho. Diante disso fizemos pergunta para os professores sobre a perspectiva da comunidade e das lideranças em relação à aprendizagem de seus filhos.

O professor Makë disse que a comunidade não está aceitando o ensino dos seus filhos na língua materna, querem que seus filhos aprendam a expressar muito bem a língua portuguesa para poder defender os direitos da sua sociedade. Ele queixou-se que a comunidade não estava valorizando

a escola e o trabalho dos professores, isso desanima o professor em trabalhar. Por este motivo a aprendizagem dos alunos é somente na língua portuguesa. Isso me fez pensar muito. Não é bom valorizarem mais o conhecimento dos ocidentais, o próprio conhecimento é muito importante para estar preparando as novas gerações para o futuro. Eu disse aos alunos e professores sobre a importância e o respeito à aprendizagem da própria cultura como festas, histórias, tudo enfim. Expliquei também para os professores como alfabetizar os alunos que estão no início da caminhada de aprendizagem, falei que é muito importante alfabetizar as crianças na língua materna e só depois passar para língua portuguesa. Assim contei várias experiências que passei e passo na sala de aula como educador da minha comunidade. Depois de toda a minha explicação o professor Têpi disse: "Professor quero trocar sua cabeça pela minha, quero ser igual a você." Depois de tanta conversa retornamos ao nosso alojamento. Uma senhora chamada Tupã nos chamou. Fomos até a casa dela. Depois de nos cumprimentar começou a contar a história de contato com o homem branco. Eu achei bem semelhante à história do meu povo.

No dia seguinte tomamos o café da manhã e fomos tomar banho no brejo, próximo a aldeia. Depois disso fomos assistir a **aula** do professor Makê. Ele tinha juntado seus alunos para nos apresentar e demonstrar seu trabalho. Ele trabalha seguindo a cartilha feita por Kiko, do CTI. Eu penso que esse tipo de ensino é muito fechado porque só fica acompanhando a cartilha, tudo padronizado, isso não deixa o professor pensar e refletir sobre a continuidade da sua aula, assim como planejar atividades. Pelo relato dos alunos os professores são excelentes educadores porque ficam acompanhando o ritmo de cada aluno de perto.



No final da aula do professor Makê, falei um pouco para os alunos sobre aprendizagem na sala de aula. Expressei-me primeiro na minha língua materna, pois os alunos estavam curiosos em ouvir a minha língua. Depois de traduzir para a língua portuguesa o professor traduziu para sua língua materna. Eu mais uma vez expliquei para eles sobre a nossa metodologia de ensino, citando alguns temas aspectos que considero muito importante ter: planejamento de aula, diário de classe e trabalho interdisciplinar.

A professora Rosana reforçou minha orientação para professores Matis, juntamente com Rafael (antropólogo do CTI) dizendo que, para uma boa aula, o aluno tem que ouvir, falar, ler, escrever e pensar.

No período da tarde conhecemos o Mairuim, uma expressão cultural ancestral, um espírito da floresta que chega para corrigir a conduta de crianças e jovens “preguiçosos”. Depois da aparição do Mairuim, Tawarero **ensinou** como fazer a peteca tradicional do Ikpeng, uma peteca feita de palha de milho. Cada aluno aprendeu a fazer. Ele contou a história da origem da peteca, os **alunos** prestaram muita atenção para ouvi-la. Logo **brincamos** de peteca com os alunos no pátio da aldeia, eles gostaram muito de brincar, isso foi legal.

No dia 22 de setembro de 2006, às 8 horas da manhã nos despedimos dessa comunidade, pedindo desculpas e agradecendo pelo acolhimento.

Às 09 horas e 20 minutos saímos da aldeia Aurélio para aldeia Beija Flor, junto com o segundo cacique Bina Matis acompanhado pela sua família.





No último dia de nossa estadia na aldeia, depois de vários relatos sobre a grave situação de saúde das aldeias Matis, chegaram enfim a enfermeira e a auxiliar, sendo que a primeira retornaria para a aldeia Beija-Flor para acompanhar o caso da moça, que estava se agravando e a remoção enfim havia sido solicitada.

O discurso final, de despedida, do cacique Txêma, foi de resignação e incerteza sobre o futuro de seu povo, disse "estamos felizes por conhecer vocês e por terem nos falado muitas coisas sobre a vida de vocês, mas estou preocupado, pois não sei o que vai acontecer com meu povo, diga isso a seu povo para que possam nos ajudar".

4. A aldeia Beija-Flor – segunda parada

Seguindo para a aldeia Beija-Flor, na manhã do dia 22, encontramos o barco que levava a enfermeira parado no rio, pois a falta de informação levou o piloto e agente in-

dígena de saúde a fazer a mistura entre gasolina e óleo 2T de forma errada, prejudicando e paralisando o motor 25HP que havia sido emprestado da aldeia dos Marubo para essa situação de emergência. Levamos a enfermeira em nossa canoa.

A chegada em Beija-Flor foi desoladora, ninguém veio nos receber, era sinal de que algo não estava bem. Já na aldeia, pouca conversa e nenhum acolhimento, percebia-se uma apreensão no ar, até que o cacique veio nos levar a uma casa, onde seríamos alojados. No final da tarde fomos chamados para o centro da chubu e a conversa fluiu, numa aparente serenidade. Os xinguanos se apresentaram e expuseram suas intenções de realizar uma caçada com a zarabatana, instrumento desconhecido por eles, todos sorriram e assentiram ao pedido.

Uma matxon (mulher mais velha) entoou um canto triste e repetitivo, durante toda a noite, que era para acalmar e proteger as crianças. Na madrugada, por volta de 3 horas, fomos informados que a moça estava vomitando sangue. Ninguém mais pode dormir, só acompanhar o desenrolar dos fatos. As 6h25 a moça veio a falecer com uma grave crise de hemorragia pela boca e pela vagina, segundo descrição traumática de Binã, seu parente.

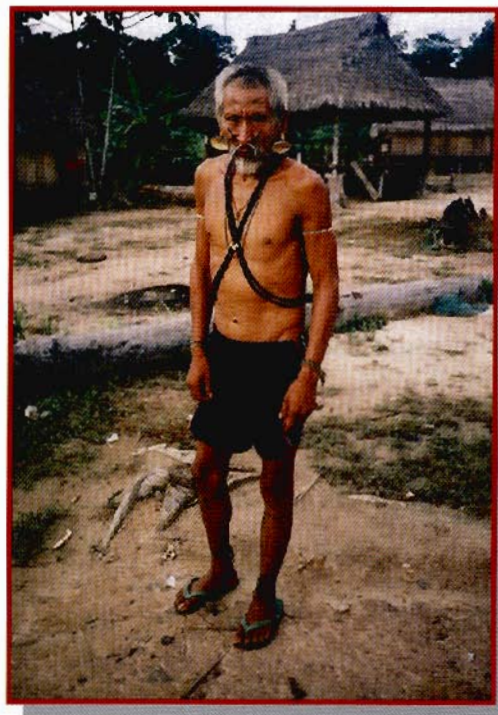
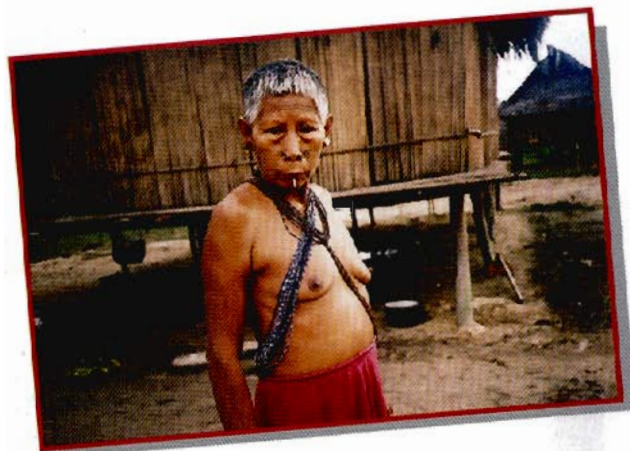
O enfermeiro que veio numa viagem de três dias, pois seu barco parou para reparos, chegou para a remoção exatamente no momento do último suspiro da moça e foi quem constatou o óbito. Saiu apressadamente, após 15 minutos de permanência na aldeia, provavelmente com medo da reação da comunidade. Foram dez dias entre o pedido de remoção pelo agente indígena de saúde, a visi-

ta da enfermeira e a chegada de fato à aldeia, não houve nenhuma comunicação ou acompanhamento por parte de médicos durante esse período.

A finalização de nosso intercâmbio foi um misto de tristeza e indignação, pois viemos saber que óbitos desse tipo são recorrentes e têm afetado grande parte da população jovem entre 15 e 20 anos. A constatação da presença de hepatite B e da SFIHA (síndrome febril ictero-hemorrágica aguda) na população Matis, ocorreu em 2001, quando realizaram exames sorológicos específicos, porém de lá para cá nada foi feito para o controle e prevenção, que se agrava ainda mais com a falta de controle sobre a malária que é um dos fatores de potencialização dessa doença, pois as duas enfermidades afetam o mesmo órgão, o fígado. É comum uma pessoa ter de três a cinco malárias ao ano. O CTI elaborou um dossiê anexando vários documentos e informações e já encaminhou ações junto ao Ministério Público.

Os Matis, que já tiveram piores momentos na época do contato, vêm-se hoje num retrocesso a esses tempos e assistem ao extermínio físico e cultural de seu povo, pois os **velhos**, assolados pela tristeza, estão deixando de repassar o que sabem de seus ancestrais, não estão se enfeitando mais e nem realizando os rituais tradicionais, enquanto os jovens ficam relegados à uma maior aproximação da "atrante" cultura dos nawa (brancos).

Dois dias após nosso retorno, soubemos que Rafael havia saído da área, comedido por uma febre alta. E, de volta ao Xingu, Maiua também manifestou os sintomas da malária.



CTI
Centro de Trabalho Indigenista



Secoya
Serviço e Cooperação
com o Povo Yanomami

terre des hommes
ternura para crianças
compromisso com resultados

